

RESUMO DAS COMUNICAÇÕES ORAIS

PAINEL: *Acessibilidade Audiovisual*

– *A nuance interpretativa da locução na audiodescrição* // Ligia Maria Ribeiro (SP)

A minha proposta baseia-se em um questionamento de um colega, durante a minha palestra em um evento de tradutores, sobre a nuance interpretativa da audiodescrição em produções audiovisuais.

Na audiodescrição, há modelos diferenciados para produções dinâmicas que servem como base: alguns enfatizam a ação, com frases curtas e linguagem simples; outros, a descrição detalhada dos personagens e do cenário. Contudo, é unânime dizer que a subjetividade deve ser evitada para não influenciar a percepção da obra por uma pessoa com deficiência visual.

Nas produções cinematográficas, temos a linguagem oral e corporal dos personagens destacadas em cena. Os elementos sonoros são facilmente identificados por qualquer pessoa: choro, riso, grito... Porém, o espectador com deficiência visual só poderá visualizar as emoções expressas por gestual ou por expressões faciais por meio da audiodescrição, na qual o audiodescritor descreverá o que ele vê e não o que ele interpreta. E quanto à nuance interpretativa da locução da audiodescrição? O locutor deve ou não deixar fluir a carga emocional na locução, na tentativa de envolver o espectador e aproximá-lo dos personagens e da história?

O locutor de audiodescrição não precisa ter vivência teatral e, por isso, pode optar por não arriscar na interpretação, mantendo a narrativa mais discreta. Contudo, imaginemos a locução de uma cena de suspense, na qual é preciso descrever as reações dos personagens; talvez fosse viável uma locução mais interpretativa para dar sequência aos sentimentos de apreensão ou de temor, vivenciados tanto pelos personagens como pelos espectadores sem problemas visuais, que conseguem assistir a todo o desenrolar da trama. Uma audiodescrição sem carga emocional poderia gerar quebra do sequenciamento teatral e impacto na intenção do autor da obra: o envolvimento total do espectador.

Com base nessa perspectiva, a minha proposta é avaliar as nuances e os entraves de uma locução interpretativa e a aproximação ou o distanciamento originado dessa expressividade emocional, apresentando versões de uma produção audiovisual.

– *Adeilda* // *Jaqueline Martins* (PE)

Minha militância pela causa da acessibilidade comunicacional veio através da minha família que tem 9 surdos e entre eles tem minha mãe que questionava por onde passava a falta de uma pessoa que pudesse explicar o que realmente ela queria saber, cresci dentro da Associação de Surdos de Pernambuco e com o tempo me inserir nos movimentos sociais e fundei o LGBT surdo de Pernambuco, onde nossa luta é garantir uma melhor qualidade para esta população.

INCENTIVO

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA

FUNДАРPE
FUNDO DO PATRIMÔNIO
PERNAMBUCANO

Secretaria de
Cultura

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

REALIZAÇÃO



M acessibilidade
comunicacional

No decorrer do tempo entrei na plataforma política onde tive a experiência de fazer a janela na campanha de Isaltino Nascimento e há dois anos faço parte de um mandato que se preocupa com a comunicação igualitária, trabalho com o vereador Ivan Moraes que me sinto bem representada na proposta de trabalho e execuções, faço articulação nos movimentos sociais dentro dos territórios e também a janela de interprete das páginas do mandato.

É gratificante saber que um político leva as demandas da comunidade para dentro da câmara, é trabalhar com a satisfação de contribuir todos os dias para um mundo melhor.

– Análise de Lexias “Tabus” na audiodescrição de imagens estéticas de sexo explícito no filme A História da Eternidade // Felipe Vieira Monteiro (RJ)

Historicamente, as pessoas com deficiência foram colocadas à margem da sociedade, esquecidas, ignoradas e até mesmo eliminadas. Com o passar dos anos, percebeu-se que a deficiência não está na pessoa e, sim, na sociedade. O desenvolvimento de ferramentas de tecnologia assistiva, a exemplo da audiodescrição (AD), um recurso de acessibilidade comunicacional que traz benefícios ao traduzir a informação visual em informação verbal, possibilita às pessoas com deficiência visual o acesso por meio de outro sentido, que não o da visão. O presente estudo é uma pesquisa descritiva das escolhas tradutórias realizadas em roteiros de audiodescrição no filme dramático A história da eternidade (2014), cujos fragmentos selecionados contêm imagens estáticas de conteúdo erótico. A metodologia seguida partiu teoricamente do conceito de ‘linguagem tabu’ (BARBOSA, 1986; ORSI, 2011), do conceito de intencionalidade/ aceitabilidade (KOCH; TRAVAGLIA, 2007) e gênero fílmico (TURNER, 1997; GERBASE, 2009). O resultado apontou que, quando se trata de audiodescrição fílmica, é importante que audiodescritores roteiristas e consultores levem em conta não apenas o encargo, o público alvo, o canal e o suporte de circulação do produto, mas, sobretudo, que identifiquem a qual gênero o filme pertence, se é drama, se é comédia, se é ficção científica ou qualquer outro gênero, a fim de realizar uma linguagem verbal que se coadune com o todo da obra intencionalmente elaborada, sobre tal ou qual gênero.

– Estudo da audiodescrição em inglês de filmes a partir das diretrizes do ITC Guidance on – Standards for Audio Description // Rodrigo Wenzel (SP)

O objetivo deste trabalho é fazer um estudo dos roteiros de audiodescrição em inglês de seis filmes a partir das diretrizes estabelecidas pelo ITC Guidance on Standards for Audio Description (2000). O resultado deste estudo é o levantamento de ocorrências do roteiro da AD, ou seja, partes do roteiro que não atendem às diretrizes estabelecidas pelo ITC. Seis filmes foram selecionados para a realização deste estudo, todos disponíveis na Netflix, provedora global de filmes e séries via streaming. Em todos os casos, havia a opção de ouvir a audiodescrição em inglês. Foram escolhidos três filmes de 2018 e três de 2015: Bird Box (2018), Noite de Lobos (2018) e Mogli, Entre dois Mundos (2018); e Everest (2015), o Regresso (2015) e Um Homem Entre Gigantes (2015). Bird

Box e Noite de Lobos se enquadram no gênero suspense. Mogli é do gênero aventura. Everest e o Regresso são do gênero suspense/aventura, e um Homem entre Gigantes é da categoria drama. Todos esses filmes tiveram seus scripts de audiodescrição avaliados de acordo com seus respectivos gêneros e os seguintes princípios estabelecidos pelo guia ITC: priorizar informação, informações adicionais, antecipação da ação, decretar o óbvio, uso de nomes e pronomes, descrição de adjetivos, uso de advérbios, origem étnica e racial e uso de verbos. O motivo pela escolha de filmes recentes, os de 2018, e os de três anos atrás, 2015, tem a ver com o objetivo secundário deste trabalho, que é a comparação do número de ocorrências, o que pode revelar se há uma maior ou menor preocupação, por parte do responsável pela produção do roteiro de audiodescrição, em seguir as diretrizes traçadas pelo ITC Guidance on Standards for Audiodescription.

Palavras chaves: Audiodescrição; Audiodescription; ITC Guidance on Standards for Audio Description; Diretrizes de Audiodescrição do ITC; Netflix.

– Experimentação Acessível no Documentário Mulheres de Visão // Milena Andrade da Rocha (PI)

O presente trabalho apresenta o processo de produção e fundamentação do documentário “Mulheres de Visão”. Um experimento de audiovisual acessível que pretende contribuir com as discussões sobre acessibilidade, gênero e uso de tecnologias assistivas nos processos criativos de comunicação em paralelo à recorte representativo de quatro mulheres com deficiência visual, sua relação com a cidade, o mundo do trabalho e a família. O curta possui aproximadamente 30 minutos, as gravações se dividem em locações externas como casa, trabalho, faculdade, centro, ônibus e entrevistas em estúdio. O principal grupo de interesse do trabalho são pessoas com deficiência visual, auditiva, mulheres e/ou idosos além de poder ser utilizado para debater processos de criação e comunicação acessível, rodas de conversas sobre gênero e autonomia de mulheres, por estudantes de comunicação social para estimular a produção de audiovisual acessível. Com a identidade dentro da equipe de produção inspira a reflexão para a família e os ambientes sociais próximos de mulheres cegas e com baixa visão, oportunidade para conhecer um pouco mais das suas realidades e vivências. Sendo assim, “Mulheres de Visão” foi produzido pelo coletivo de como uma provocação para dialogar sobre cegueira em um mundo cada vez mais imagético, sobre tentativa de levantar discussões sobre direito a mobilidade nas cidades, sobre relações de gênero, sobre ser mulher. Depois de finalizado o primeiro corte, partimos para inserir as tecnologias assistivas. Enviamos para o intérprete de Libras, que depois de uma semana de ensaio nos reunimos para gravar em um estúdio com Choma Key. Depois de gravar, recortamos e ajustamos no programa de edição de vídeo Première, do pacote Adobe. As audiodescritoras e consultoras também receberam o primeiro corte para trabalharem no roteiro de AD, que depois foi enviado à jornalista que fez a locução. Além de AD e libras, encaminhamos para a tradução de inglês e o Closed Caption (CC), também conhecido como legendagem oculta. Durante o processo de finalização foi feito a mixagem de áudio e a colorização, além do videografismo e identidade visual. O vídeo final possui Audiodescrição, Libras, Closed Caption e

INCENTIVO

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA

FUNДАРPE
FUNDO DO PATRIMÔNIO
PERNAMBUCANO

Secretaria de
Cultura

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

REALIZAÇÃO



acessibilidade
comunicacional

Legenda em Inglês, assim considerado um dos primeiros experimentos de audiovisual acessível da Universidade Federal do Piauí/ Curso de Comunicação Social.

Um dos maiores aprendizados foi sobre vida coletiva, relação com coprodução, inscrição em edital, cumprir prazos, dirigir equipe, cobrar demandas e tarefas para uma equipe formada por amigos. A vivência de aprender na prática o que é lugar de fala, pois na equipe também tinham pessoas com deficiência visual, que nos direcionavam, fosse na pergunta a ser feita, ou na construção de sentido que determinadas imagens transmitiriam.

Com o avanço tecnológico, a maioria das produtoras ou realizadoras que fazem acessibilidades dos filmes ou quaisquer produtos audiovisuais possuem equipamentos que permitem que cada tecnologia seja acessada por quem dela necessita, isto é, quem necessita da AD vai escutar individualmente e pessoas como videntes, por exemplo, vão assistir ao filme sem relação alguma com esse recurso.

– Produção Cultural com conhecimento de causa – O Cineclube Inclusivo // Felipe Hidalgo (PE)

Meu nome é Felipe Hidalgo, sou formado em Cinema com Especialização em Gestão Cultural. Carioca, moro no Recife há 1 ano, com esposa e filho nascidos na cidade. Tenho 44 anos, sou surdo oralizado e usuário do implante coclear. Perdi a audição no ouvido direito aos 19 anos de idade, e do ouvido esquerdo aos 35 anos. Após a perda auditiva bilateral, senti na pele a falta de acessibilidade dos bens culturais.

No ano de 2013, fui apresentado ao projeto de um Cineclube apoiado pelo Sesc Rio (ao qual exercia o cargo de analista técnico de cultura). Na época, eu estava adaptado ao Implante Coclear. A priori o projeto não contemplava a programação com recursos de acessibilidade. Como o histórico de engajamento político social dos cineclubes nacionais precisava estar alinhado com a inclusão social, decidi propor à Equipe realizar um recorte na programação com acessibilidade (mesmo com poucos títulos e recursos financeiros). Foi o início de tudo. A iniciativa permitia o acesso ao conteúdo gratuito nacional, vislumbrando a replicação do projeto em outras unidades da Instituição. Seria um sonho.

Senti-me orgulhoso como profissional e indivíduo, onde parte da sociedade que ainda trata a pessoa com deficiência com indiferença e invisibilidade. O conhecimento de causa era um compromisso ético e moral para a produção do Cineclube. Antes da perda sonora bilateral comentava com colegas e profissionais sobre a falta de acessibilidade nas produções e o desejo de realizar atividades permitindo acesso. Após ser apresentado ao projeto, transformei a dor da perda auditiva em arte acessível.

A primeira sessão foi com audiodescrição numa ONG que trabalha a inclusão do deficiente visual. Logo depois ocorreram as sessões com LSE na Unidade Operacional. No bate papo informal

INCENTIVO

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA

FUNДАРPE
FUNDO DO PATRIMÔNIO
PERNAMBUCANO

Secretaria de
Cultura

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

REALIZAÇÃO

 acessibilidade
comunicacional

pós-sessão, havia a troca de conhecimento entre o palestrante e o público com feedbacks essenciais para o aperfeiçoamento da programação e questões de acessibilidade.

Ouvíamos histórias incríveis. Pessoas que nunca tinham assistido a um filme na vida. Muito menos com recurso de audiodescrição ou LSE. As sessões proporcionavam aproximação ao conteúdo nacional com reconhecimento e pertencimento à nossa cultura. Havia relato de aumento da autoestima e solicitações de filmes para discussões sobre diversos assuntos. Uma nova experiência surgia para eles e para a nossa Equipe.

O projeto durou 3 anos (2013 a 2016), e atendeu mais de 2000 pessoas com destaque na mídia. Depois, fomos além, ao realizar sessões para pessoas com transtornos mentais. Enfim, “Um caso de sucesso pessoal e profissional”.

– Que som é esse? – A Tradução de Sinais Acústicos Não-verbais na LSE // Eliana Franco (SP/ALE)

A presente comunicação tem como proposta abordar um desafio recorrente na tarefa de legendar para o público com deficiência auditiva, a tradução dos sinais acústicos não-verbais de um produto audiovisual. Apesar da LSE se situar cronologicamente nos Estudos da Tradução bem anterior à audiodescrição, várias questões sobre esse modo de transferência intralingual foram deixadas à margem do debate, que constantemente enfatizou a quantidade de informação traduzida, mas não a qualidade dessa informação. Baseada na sua experiência como tradutora audiovisual e munida de exemplos e dilemas reais, a autora pretende discutir a tradução dos sinais acústicos não-verbais com o intuito de repensar o modo simplista como temos lidado com o tema.

– Tela livre: questões técnicas na produção de janela de Libras em estúdio de gravação // Carlos Eduardo de Oliveira (PE)

No processo de composição da Janela de Libras (JL) em produções audiovisuais procuramos estabelecer e respeitar algumas etapas que, do nosso ponto de vista e do ponto de vista técnico, organizam o processo de trabalho de forma que seja respeitado o tempo de apropriação da obra, pesquisa, ensaio, gravação, edição e revisão.

O presente trabalho visa abordar as técnicas utilizadas em estúdio para elaboração de JL, além da experiência vivenciada neste ambiente de trabalho. Usaremos por base o guia orientador para acessibilidade de produções audiovisuais do ministério da cultura. O manual nos oferece arcabouço técnico para uma gravação de qualidade, oferecendo aos usuários uma boa visualização e fruição na obra fílmica.

Trataremos de técnicas como iluminação, plano de fundo de área de tradução, posicionamento do tradutor, posição da câmera, enquadramento do intérprete, vestuário e demais medidas que garantem uma JL que assegure a acessibilidade do sujeito surdo. Dessa forma, visamos contribuir com os profissionais que realizam o exercício da acessibilidade no campo audiovisual,

INCENTIVO

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA

FUNДАРPE
FUNDO DO PATRIMÔNIO
PERNAMBUCANO

Secretaria de
Cultura

GOVERNO DO ESTADO
Pernambuco

REALIZAÇÃO

 M acessibilidade
comunicacional

como também, auxiliar os tradutores que se interessem em enveredar no campo da Tradução Audiovisual (TAV).

– Traduzir audiodescrição: prós e contras // Ana Julia Perrotti Garcia (SP)

Não há dúvidas que a quantidade de filmes com audiodescrição em línguas estrangeiras é muito maior do que em português. Não apenas por que a audiodescrição para cinema e televisão é uma prática mais antiga nos países anglófonos, francófonos e hispânicos (apenas para citar alguns), mas também pelas produtoras nesses países serem em geral mais impulsionadas por legislações fortes e impositivas, que obrigam os títulos a serem lançados já com os recursos de acessibilidade.

Sendo assim, muito se teria a ganhar, em tempo, difusão, aumento do número de títulos audiodescritos e em redução de custos se os filmes que tenham audiodescrição em idiomas estrangeiros. Contudo, será esse um processo onde só haveria ganhos? Quais seriam, então, os prós e os contras de se traduzir roteiros de idiomas estrangeiros para o português? E o processo inverso, é viável? Como ficariam, no caso da difusão dessas práticas, a figura do roteirista e do consultor nessa linha de produção?

Para refletir (e tentar responder) essas e outras perguntas, sempre baseada em exemplos autênticos e estudos de casos reais, é que nos propomos a fazer essa comunicação.

PAINEL: Audiodescrição além do audiovisual

– A contribuição da pessoa com deficiência visual para todas as etapas da produção de AD // Luiz Henrique Kichel, Rafael Nimoi Gomes Cardoso e Ana Julia Perrotti Garcia (SP)

A importância e relevância do consultor cego e com treinamento especializado para atuar em audiodescrição já não é mais objeto de discussão. Toda empresa ou grupo profissional que atua com audiodescrição sabe que não existe a possibilidade de se fazer um trabalho honesto, correto e que atenda às necessidades do público alvo sem que haja uma consultoria profissional envolvida no processo de confecção do roteiro. Contudo, existem outros pontos do fluxo de trabalho em que as pessoas com deficiência podem (e devem) atuar, para enriquecer ainda mais o produto final. A primeira delas, em termos cronológicos e não qualitativos, é durante a confecção do roteiro (e não apenas depois deste estar pronto.

Um segundo momento é na locução/narração, no caso de audiodescrição gravada, para filmes, cursos ou vídeos, em que haverá uma mixagem das falas baseada na minutagem informada pelo roteirista. O terceiro momento é no controle de qualidade, após a finalização do vídeo, antes de ser enviado ao cliente. A proposta, embora arrojada e nem sempre economicamente viável, pode

produzir um material muito mais adaptado a atender as expectativas das pessoas que consomem produtos com audiodescrição.

– AD sem e com emoção // Marcia Caspary (SC)

Gostaria de relatar algumas experiências pessoais e profissionais enquanto audiodescritora ao longo de 10 anos, desde que fui apresentada ao recurso. Os desafios e descobertas na promoção e produção da acessibilidade, com erros e acertos, me levaram a quebrar paradigmas, ousar, experimentar, por considerar que a audiodescrição brasileira está em constante aprimoramento. Somos um país diverso, de dimensões continentais, com seus sotaques, regionalismos e peculiaridades. Desejo compartilhar exemplos e feedbacks do público a respeito da narrativa da audiodescrição na prática, ao vivo e gravada. O resultado é o que importa. O que vai ser? Sem ou com emoção?

– Audiodescrição de cartuns e charges à luz da gramática do design visual // Deise Medina (BA)

A maioria das pesquisas em audiodescrição tem como foco imagens dinâmicas - filmes, vídeos, espetáculos de dança, teatro, etc. No campo das imagens estáticas, elas se concentram, principalmente, nas obras de arte. Nos livros didáticos, além das obras de arte, encontramos também cartuns, tirinhas, charges, tabelas, gráficos, etc. que também precisam ser audiodescritas para os alunos com deficiência visual. As charges e os cartuns são gêneros multimodais que constroem seu discurso através do entrelaçamento das linguagens visual e verbal. Para a realização das atividades propostas pelo livro didático, assim como os videntes, os alunos com deficiência visual precisam compreender o sentido dessas imagens. Para que esse público tenha acesso às imagens, nossa tese propõe uma descrição baseada na Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), tendo a metafunção composicional como ponto de entrada na maioria das descrições, pois ela organiza a sequência de apresentação dos elementos representados nas imagens através do valor atribuído a eles. Sabendo-se que a noção espacial é muito importante para o público com deficiência visual, acreditamos que iniciar as descrições pela localização desses elementos na imagem promove um maior conforto espacial para este público e facilita a apreensão e interpretação do código visual. Apresentaremos o resultado perceptual-descritivo de um dos consultores com deficiência visual sobre as audiodescrições de uma das imagens analisadas durante o teste de recepção da nossa pesquisa.

Palavras-Chave: Audiodescrição, Gramática do Design Visual, Livro Didático

– Audiodescrição no Sambódromo // Barcellos, V.M. M. F. S. L. (RJ)

Fui convidada pela Riotur para audiodescrever o Carnaval do Rio de Janeiro 2019, localizado no Sambódromo. A proposta dessa comunicação oral será refletir sobre a experiência, os desafios e conquistas avaliadas durante o processo.

– Olhos de emoção, ouvidos de fantasia: produção de audiolivro para estudantes cegos //
Glaucio Ramos (PE)

O projeto “Olhos de emoção, ouvido de fantasia: produção de audiolivro para estudantes cegos” foi vivenciado em uma turma do 7º ano da escola Cônego Costa Carvalho, na cidade do Paulista, fevereiro de 2018. Nesse ano, levei para a referida escola minha biblioteca móvel chamada “Leitura da Esquina” – um trailer cheio de livros – e pedi para cada aluno escolher um livro. Os estudantes não tiveram interesse em pegar os livros. A partir dali eu comecei a pensar em desenvolver um projeto que mudasse aquela realidade de não leitores. Para dar significado ao ato leitor, resolvi produzir com os alunos um audiolivro que foi destinado aos estudantes cegos da rede de ensino.

O objetivo geral do projeto era aprimorar a fluência leitora dos alunos e auxiliá-los no desenvolvimento do hábito e do gosto pela leitura literária, tomando como estratégia a produção de audiolivros para estudantes cegos da rede municipal de ensino. Já os específicos foram: a) desenvolver a compreensão e a interpretação textual; b) realizar uma leitura oral com fruição, fazendo uso dos recursos da oralidade - interpretação, pausas, entonação, pontuação, intenção leitora), c) conhecer e produzir o gênero indicação de leitura; d) conhecer e produzir a audiodescrição. Foram 4 fases: 1- diagnose: verificaram-se problemas de compreensão e fluência leitora; 2- fase destinada aos aspectos peculiares à leitura oral – compreensão, interpretação, entonação, intenção leitora. Isso a partir de diversos gêneros literários e linguagens – teatro, fantoche, jogos de leitura; 3 - fase destinada ao ritmo de leitura e às técnicas para leitura para cegos – audiodescrição. Nessa fase, os estudantes vivenciaram uma sequência de atividades destinadas a incluí-los no universo da pessoa cega (leitura com vendas, ações com tato, análise de áudios livros, oficina de audiodescrição com professora cega, produção de audiodescrição de imagens).

Após essa vivência, os estudantes produziram audiodescrições das imagens dos livros que seriam gravados.; 4- fase: gravação de leituras, aplicação de sonoplastia e avaliação das leituras – foram 12 gravações usando o aparelho celular. Como resultado, os estudantes passaram a ter maior interesse pelos gêneros literários e qualificaram sua leitura oral a partir de uma prática mais expressiva, com interpretação, variação da entonação vocal, respeito à pontuação, ritmo de leitura e consciência do ouvinte. No final do projeto, os estudantes realizaram um sessão de leituras para os estudantes cegos da rede e gravaram um CD com as leituras realizadas.

Palavras-chaves: Leitura, literatura, inclusão.